

# O estudo sociolingüístico da variação

#### Elisa Battisti

Departamento de Letras – Universidade de Caxias do Sul (UCS)

ebattist@ucs.br

Resumo: Contexto social em estudos de variação lingüística (LABOV, 1972) são fatos sociais que exercem restrição inconsciente sobre os indivíduos (FIGUEROA, 1994). A rede social é uma dimensão do contexto social que auxilia a responder à questão da implementação da mudança lingüística (MILROY e MILROY, 1985). Na palatalização variável das oclusivas alveolares, regra inovadora no português falado em Antônio Prado (RS), os jovens não estão no centro dos grupos reforçadores da norma local, razão pela qual, apesar de introduzirem a regra e condicionarem a palatalização, o processo exibe tendência de estabilizar-se na comunidade em índices modestos.

Abstract: In studies of language variation and change (LABOV, 1972), social context are social facts which unconsciously constrain individual behavior (FIGUEROA, 1994). The social network is one of the dimensions of the social context which helps to address the actuation problem in the study of variation and change in linguistics (MILROY e MILROY, 1985). The variable palatalization of dental stops is an innovative rule in Portuguese as it is spoken in the city of Antônio Prado (RS, Brazil). Young people introduce the rule in the community and favor palatalization, but the process tends to stabilize in the community at modest rates because young people are not at the center of norm-enforcing groups.

**Palavras-chave:** variação lingüística; rede social; palatalização das oclusivas alveolares.

### 1. Introdução

Os estudos de variação lingüística conforme a abordagem de William Labov (LABOV 1972, 1994, 2001) têm sido definidos por seus métodos e objetivos, antes que por seu objeto de estudo, a linguagem em uso. Decorre daí não só a redutora denominação sociolingüística quantitativa, mas a inadequada interpretação de que estudos nessa linha resultam apenas na correlação entre certas características lingüísticas e dados aspectos da estratificação social. O objetivo do presente trabalho é refletir sobre o caráter sociolingüístico da variação, sobre o estudo da estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade de fala (LABOV, 1972), entendendo-se contexto social como fatos

sociais que, enquanto formas de comportamento gerais numa sociedade, exercem restrição inconsciente sobre os indivíduos (FIGUEROA, 1994).

A investigação de uma regra variável do português brasileiro, a palatalização das oclusivas alveolares (*tia~tchia*, *dia~djia*), numa pequena cidade do Rio Grande do Sul fundada por imigrantes italianos no final do século XIX, Antônio Prado¹, fornecerá elementos para a reflexão. É de 30% a freqüência de aplicação da palatalização no português falado em Antônio Prado, um índice moderado se comparado ao de outros falares brasileiros (HORA, 1990; BISOL, 1991; ALMEIDA, 2000; PAGOTTO, 2001; ABAURRE e PAGOTTO, 2002; KAMIANECKY, 2002; PIRES, 2003; PAULA, 2006). A análise da rede social dos informantes (MILROY, 1980; MILROY e MILROY, 1992) possibilita explicar por que a palatalização, apesar de condicionada pelos jovens, mostra sinais de estabilização na comunidade em índices modestos. É esse o contexto social de interesse no presente trabalho, a rede social dos informantes. A rede social auxilia a responder à questão da implementação da mudança lingüística, deslocando a atenção da comunidade para os falantes em seu papel na difusão ou bloqueio das regras variáveis (MILROY e MILROY, 1985).

### 2. Variação lingüística e contexto social

Como bem observa Hanks (2008), contexto é um conceito teórico e, como tal, é relacional: sua concepção e tratamento dependem de outras noções teóricas. Na linha de investigação laboviana, contexto social não deve ser entendido do ponto de vista fenomenológico: não emerge da interação pela fala, não é efêmero. Deve ser tomado para além dos atos localizados. Na sociolingüística conforme Labov (1972, 1994, 2001), contexto social é anterior à fala, aos enunciados; é global e duradouro e, como conjunto de condições sociais e históricas, funciona como sistema de referência explicativo dos usos individuais da linguagem. Assim sendo, coletividades como classes sociais, comunidades, redes sociais, bem como características coletivas dos agentes (sexo, idade, profissão, escolaridade) são unidades de análise relevantes. Em Weinreich, Labov e Herzog (1968), há uma afirmação explícita a esse respeito, quando os autores sintetizam o problema do encaixamento para uma teoria da variação e mudança lingüística:

"Na explicação da mudança lingüística, é possível alegar que os fatores sociais pesam sobre o sistema lingüístico como um todo[...] Assim, a tarefa do lingüista não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema lingüístico abstrato." (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968 [2006], p.123)

A rede social, no entanto, não é abordada da mesma forma que as demais coletividades nos estudos de variação e mudança lingüística. Diferentemente de variáveis como classe social e comunidade, correlacionadas às variantes analisadas, a rede social é, em termos de análise, tomada como meio para verificar o papel do falante na inovação

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup>Conforme BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS e BOVO (2007).

lingüística (ou bloqueio a ela). Conforme Milroy e Milroy (1985), a verificação desse papel pode auxiliar a responder à questão da implementação da mudança lingüística. Em termos muito simples, a questão da implementação (do inglês *actuation problem*) foi levantada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) acerca das diferenças na aplicação das regras variáveis e propagação da mudança: dadas as mesmas condições estruturais, por que a mudança ocorre em uma dada língua e não em outra? Ou na mesma língua em outras épocas? Responder a essas questões requereria, segundo Milroy e Milroy (1985), considerar na análise, além da comunidade de fala, o falante e sua atuação na propagação das inovações. É o que os autores buscam responder com a análise de rede social.

Milroy e Milroy (1985) afirmam que, nas pesquisas de Labov, os falantes que lideram a mudança fonético-fonológica são aqueles com o mais alto *status* em suas comunidades locais (o que é medido pelo controle de classe social). Entre pessoas de mesmo status, lideram a mudança aquelas com o maior número de contatos na sua localidade e fora dela. Já para os autores, não é o número de contatos na comunidade e fora dela, ou mesmo o *status* o que é relevante para a compreensão da propagação da inovação, mas a posição que ocupam os inovadores nas redes sociais formadas por pessoas de igual *status* social. A posição tem a ver com a força dos laços interindividuais e com a configuração da própria rede.

Milroy e Milroy (1985) explicam que tanto laços fortes quanto fracos conectam indivíduos em rede. Laços fortes tendem a se concentrar em grupos particulares e são, freqüentemente, ligações multiplexas, isto é, unem indivíduos por mais de um tipo de relacionamento (colegas de trabalho e, também, vizinhos). Laços fracos tendem a conectar indivíduos entre grupos. Por essa razão, são candidatos naturais à difusão da inovação: laços fortes reforçariam o falar local; laços fracos propagariam a mudança. A medida da força de um laço derivaria de aspectos como sua duração, intimidade, intensidade emocional, serviços recíprocos (multiplexidade). Os autores afirmam que membros centrais em um grupo possuem laços fortes com os demais indivíduos. Já os membros ligados à rede por laços fracos ocupam posições marginais. Por essa razão, ao adotarem uma inovação, podem ter seu comportamento lingüístico entendido como desvio da norma local. Mas, se adotada pelos membros centrais, essa inovação tipicamente se dissemina pelo grupo.

A decorrência de uma proposta como essa seria a de, na busca de resposta à questão da implementação da mudança através da análise de rede social, focalizar a qualidade das ligações entre os membros da rede, e a posição que nela ocupam aqueles que adotam a forma inovadora.

### 3. Rede social como contexto de mudança

## 3.1 A palatalização variável das oclusivas alveolares em Antônio Prado

No estudo que fornece subsídios à presente reflexão, sobre a palatalização variável das oclusivas alveolares, de Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007)<sup>2</sup>, a análise da

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> As entrevistas realizadas para esse estudo foram integradas ao BDSer, Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, acervo de entrevistas sociolingüísticas do Departamento de Letras/Mestrado em Letras e Cultura

rede social foi realizada concomitantemente a uma análise de regra variável nos moldes labovianos. Isso quer dizer que os 48 membros da rede social analisada foram também os 48 informantes de cujas entrevistas foram levantados os 26 600 contextos de palatalização considerados na análise. Como já afirmamos anteriormente, a regra aplica-se a uma freqüência de 30% na comunidade de Antônio Prado e é condicionada, em termos lingüísticos, por vogal fonológica ou subjacente /i/ e consoante-alvo da regra desvozeada, isto é, /t/. O condicionamento social é bastante forte em Antônio Prado, desempenhado por jovens e habitantes de zona urbana. À primeira vista, pelo resultado dos jovens, a mudança estaria em progresso na comunidade. Porém, comparados os grupos etários, obtém-se um padrão de curva em S, como mostra a Figura 1:

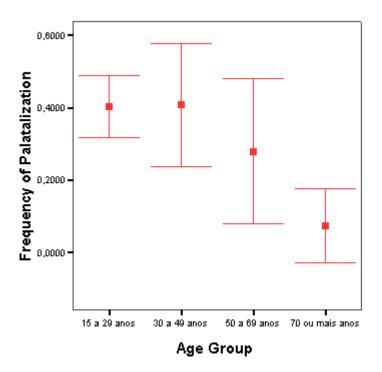


Figura 1 – Gráfico da freqüência de palatalização por grupo etário (BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS e BOVO, 2008)

Esse padrão é característico às mudanças que se completam. Os jovens (15 a 30 anos) reproduzem o índice de palatalização do grupo seguinte, esse sim distinto dos demais grupos. Como explicar esse aparente paradoxo, de terem os jovens da Antônio Prado o papel de condicionadores da regra, mas o processo não dar sinais de progresso na comunidade? A análise de rede que se fez procurou dar resposta a essa questão.

Regional da Universidade de Caxias do Sul. Esse acervo cobrirá 9 municípios da antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul e está em constituição.

### 3.2 Rede social e a estabilização da palatalização variável em Antônio Prado

Na análise de Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007), a rede social dos informantes de Antônio Prado foi técnica de ingresso dos pesquisadores na comunidade (um membro indicou outro) e contexto de análise. Os membros da rede se conhecem e relacionam-se, mas em graus diversos de intimidade. Assim, a rede social dos informantes de Antônio Prado foi analisada em ambas dimensões, a da densidade ou estrutura (quantidade de contatos dos indivíduos: quanto maior o número de pessoas em rede que se conhecem umas as outras, maior a densidade da rede), e a da plexidade ou conteúdo (multiplicidade de contatos entre indivíduos: colega de trabalho e, ao mesmo tempo, vizinho).

Na análise do conteúdo da rede, levaram-se em conta graus de relacionamento interindividual ou intimidade/freqüência dos contatos. A hipótese seguida foi a de que laços mais íntimos entre os indivíduos implicariam um maior grau de interação pela fala, e isso potencializaria a influência do comportamento lingüístico de um indivíduo sobre o do outro. Na reflexão que se empreende aqui, conforme Milroy e Milroy (1985), exercita-se a idéia de que laços mais íntimos sejam laços fortes, menos porosos a mudanças, mais reforcadores do falar de um grupo.

Os graus de intimidade de relacionamento foram inspirados em Blake e Josey (2003), mas adaptados a características da localidade de Antônio Prado, de acordo com as práticas sociais/culturais informadas nas próprias entrevistas, como também com dados das Fichas Sociais dos informantes. Os laços familiares e de colegas de trabalho são os relacionamentos mais importantes em Antônio Prado, pela sua intimidade e freqüência de interação. No entanto, nem todo laço desse tipo é igual. No ambiente de trabalho, por exemplo, distinguem-se laços que supõem intimidade e interação diária de laços que não implicam tal freqüência e modo de interação. O mesmo se aplica aos laços de amizade, de vizinhança, de colaboração em associações e aos estabelecidos entre parentes, quando, conforme os depoimentos dos próprios entrevistados, distinguem-se parentes próximos de parentes distantes. O Quadro 1 traz os graus considerados na análise: 1, 2 e 3, do mais ao menos íntimo/freqüente, de acordo com padrões locais:

### 1. Primeiro grau

- 1A Marido/mulher
- 1B Pais/filhos
- 1C Colega de trabalho com interação

### 2. Segundo grau

- 2A Tios/sobrinhos/primos/cunhados
- 2B Amigos íntimos
- 2C Vizinho íntimo
- 2D Colega de associação com interação

### 3. Terceiro grau

- 3A Amigo não-íntimo
- 3B Vizinho não-íntimo
- 3C Colega de trabalho sem interação
- 3D Colega de associação sem interação
- 3E Tios/sobrinhos/primos/cunhados

Quadro 1 - Graus de relacionamento em rede em Antônio Prado ((BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS e BOVO, 2007)

A rede social com todos os informantes de Antônio Prado está na Figura 2. Cada informante é representado por um retângulo com sua própria freqüência de palatalização. Linhas contínuas ligam informantes que possuem um relacionamento de primeiro grau; linhas tracejadas ligam informantes que têm um relacionamento de segundo grau e linhas pontilhadas ligam os que têm um relacionamento de terceiro grau.

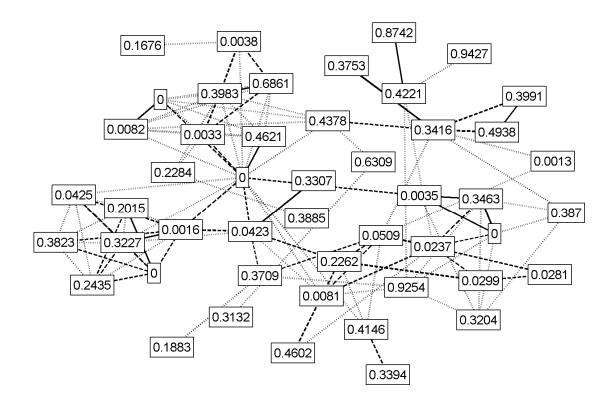


Figura 2 – Rede social dos 48 informantes de Antônio Prado considerados no estudo de palatalização de Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007, 2008)

A rede integra informantes das zonas urbana e rural. O conhecimento mútuo é predominante. A Tabela 1 mostra as freqüências de ligação na rede, diferenciadas pelo grau de ligação:

Grau	Rede de zona	Rede de	Rede inter-	Rede
	urbana	zona rural	áreas	completa
1	6 (13.0 %)	6 (14.3 %)	0 (3.2 %)	12 (10.6 %)
2	11 (23.9 %)	14 (33.3 %)	13 (52.0 %)	38 (33.6 %)
3	29 (63.0 %)	22 (52.4 %)	12 (48.0 %)	63 (55.8 %)
Total	46 (100 %)	42 (100 %)	25 (100 %)	113 (100 %)

Tabela 1 – Freqüências de ligações na rede (BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS e BOVO, 2008)

Os 48 informantes na rede completa de Antônio Prado interagem através de 113 laços. Os 24 informantes que vivem na zona urbana interagem através de 46 laços, os 24 informantes que vivem na zona rural, através de 42 laços. Há 25 laços entre as duas áreas. Como se vê na Tabela 1, a maior parte dos laços (55.8 %) é de grau 3, seguida por grau 2



(33.6 %) e grau 1 (10.6 %). No entanto, essas proporções são levemente diferentes nas redes de zona urbana e rural tomadas separadamente (Figuras 3 e 4).

Comparativamente, há mais laços de grau 3 na rede de zona urbana (63.0 %) do que na de zona rural (52.4 %); há menos laços de grau 2 na rede urbana (23.9 %) do que na rural (33.3 %). Os laços da rede urbana são levemente mais fracos do que os da rede rural, embora isso não seja estatisticamente significante<sup>3</sup>.

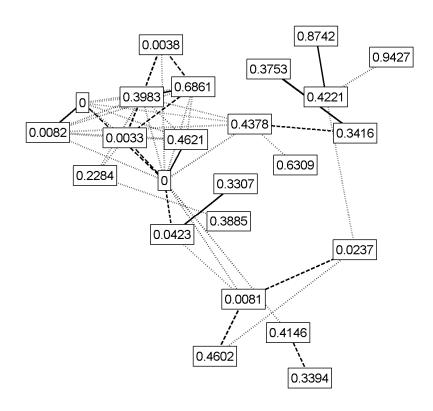


Figura 3 – Rede social da zona urbana (BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS e BOVO, 2007, 2008)

\_

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Teste de Chi Quadrado ao nível de 0.05.

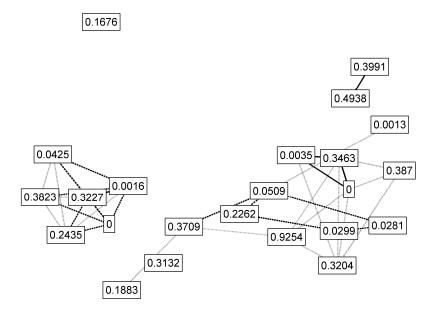


Figura 4 – Rede social da zona rural (BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS e BOVO, 2007, 2008)

Além disso, a rede de zona urbana é um pouco mais densa (3,83 contatos por informante, em média) que a rede da zona rural (3,50 contatos por informante, em média). Como mostram as figuras 3 e 4, a rede da zona urbana é conexa enquanto a rede da zona rural não, formando sub-redes. Esses fatos relacionam-se aos resultados da variável Local de Residência, da análise quantitativa laboviana: na zona urbana, condicionadora da palatalização, os laços entre os informantes são mais fracos, não fortalecem um vernáculo local. Já na zona rural, a qualidade dos relacionamentos é mais íntima, os laços são mais fortes, o que pode explicar o caráter desfavorecedor da área à aplicação da regra de palatalização.

Procurando aprofundar a investigação do papel da rede social na palatalização em Antônio Prado, examinou-se a correlação entre a Freqüência de Palatalização Individual e a média (ponderada pela intensidade do contato) das Freqüências de Aplicação dos Contatos de cada indivíduo na rede (Figura 5), que mostrou-se positiva (0,342) e significativa (0,017). Essa correlação indica que o modo de falar de um dado informante tende a acompanhar, a ser similar ao modo de falar dos seus contatos na rede. A correlação positiva confirma a idéia de que indivíduos que palatalizam relacionam-se uns com os outros em rede, compartilhando essa dentre outras práticas sociais quando em interação.

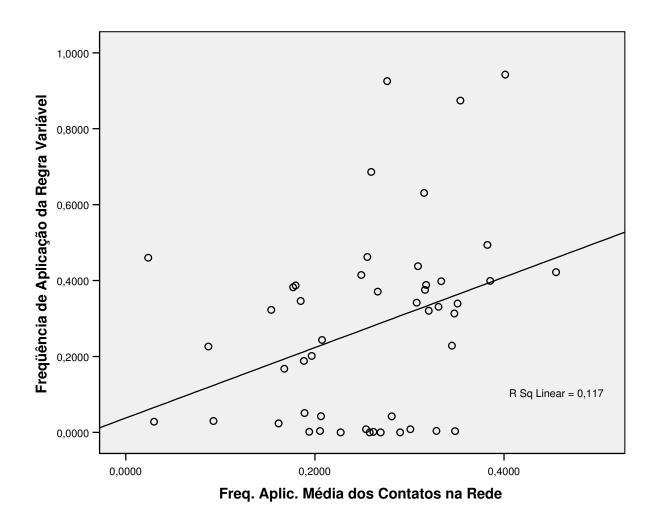


Figura 5 – Gráfico de dispersão entre freqüência de aplicação de um informante e a média da freqüência de aplicação de seus contatos na rede (BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS e BOVO, 2007)

Comprovada a correlação, por similaridade de comportamento na rede, entre falantes que palatalizam e seus contatos, a pergunta que se apresenta diz respeito à posição que ocupariam os indivíduos palatalizadores na rede: seriam os inovadores membros periféricos ou centrais? Pelos resultados obtidos, que mostram que os jovens palatalizam com mais freqüência, pode-se exercitar a idéia de que, na rede, sejam membros periféricos; fossem eles centrais, a regra daria sinais de progresso (difusão) na comunidade, e não de estabilização.

Verifica-se a existência de correlação negativa de -0,449 (0,001 de significância) entre a Média da Freqüência de Aplicação dos Contatos de um informante e sua Idade, isto é, quanto maior a idade do informante menor é a Média da Freqüência de Aplicação dos seus contatos. No entanto, é interessante notar que quando os grupos Rural e Urbano são analisados separadamente, a correlação Média da Freqüência de Aplicação x Idade é mais intensa (-0,607) e significativa (0,002) no grupo Rural, enquanto menos intensa (-0,370) e não-significativa (0,068) no grupo Urbano (Gráfico 5).

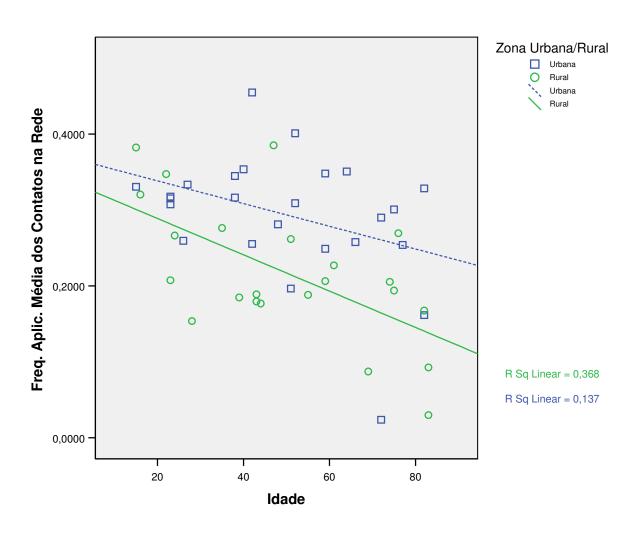


Figura 6 – Gráfico de dispersão entre Média da Freqüência de Aplicação dos Contatos e Idade, separados por grupos Urbano e Rural (BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS e BOVO, 2007)

Esses resultados mostram que, em termos gerais, a aplicação da regra de palatalização relacionada a interações em rede segue uma mesma tendência – palatalização menos freqüente entre interlocutores quanto mais avançada sua idade – tanto na zona rural quanto na zona urbana. Esses, os informantes mais idosos, são os membros centrais das redes, com maior número de laços e laços mais fortes. A diferença na intensidade da correlação (maior na zona rural), no entanto, comprova uma hipótese inicial de pesquisa de que a regra variável insere-se em quadros de práticas sociais distintos em cada uma das áreas, rural e urbana.

### 4. Conclusão

As interações em rede na zona urbana, em sua estrutura densa e com laços mais fracos, de qualidade menos íntima, difundem o novo, a palatalização; as interações em rede

na zona rural, também densas mas mais íntimas e configurando sub-redes, mantêm o tradicional, a não-palatalização. Não é somente da tensão entre esses padrões interacionais em rede, contudo, que resulta a estabilização da palatalização no sistema da comunidade. Os jovens introduzem a inovação no grupo e possuem significativo número de contatos interindividuais, mas são membros marginais ou periféricos na rede. Não difundem a palatalização, sofrem na rede restrições (inconscientes) do comportamento lingüístico dos membros centrais, pertencentes aos demais grupos etários.

A estrutura e conteúdo da rede, portanto, têm impacto na difusão (ou refreamento) da regra de palatalização em Antônio Prado. Sua análise permitiu explicar a implementação do processo na comunidade, lançando luz à dimensão relevante do contexto social, a do indivíduo e seus relacionamentos em grupo. Espera-se, com o trabalho, ter cumprido o objetivo de refletir sobre o caráter social da variação, indo além da correlação com condicionamentos lingüísticos e sociais.

#### Referências

- ABAURRE, Maria B. M.; PAGOTTO, Emílio G. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C.S. (Orgs.) Gramática do Português Falado Volume VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A.; LUCAS, João I.P.; BOVO, Nínive M.P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista virtual de estudos da linguagem REVEL*.v.5, n.9, agosto de 2007.
- BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A.; LUCAS, João I.P.; BOVO, Nínive M.P. *Dental stops palatalization as social practice*. Talk presented at SS17; 03-05 April, 2008; Free University of Amsterdam, Amsterdam.
- ALMEIDA, Marco Antônio B. de. *A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa.* 2000. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras Lingüística Aplicada) PUCRS, Porto Alegre.
- BISOL, Leda. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, n. 89, p.107-124, 1991.
- BLAKE, Renée; JOSEY, Meredith. The /ay/ diphthong in Martha's Vineyard community: what can we say 40 years after Labov? *Language in Society*, n. 32, v.4, p.451-485, 2003.
- FIGUEROA, Esther. Sociolinguistic metatheory. Oxford: Elsevier Science, 1994.
- HANKS, William F. Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.
- HORA, Dermeval da. *A palatalização das oclusivas dentais:* variação e representação nãolinear. 1990. 292. f. Tese (Doutorado em Letras Lingüística Aplicada) PUCRS, Porto Alegre.
- KAMIANECKY, Fernanda. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis*: uma análise quantitativa. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.



- LABOV, William. *Principles of linguistic change* internal factors. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change* social factors. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.
- MILROY, Lesley. Language and social networks. Oxford: Blackwell, 1980.
- MILROY, Lesley e MILROY, James.Linguistic change, social network and speaker innovation. In: *Journal of Linguistics*, vol. 21, Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.339-384.
- MILROY, Lesley e MILROY. Social networks and social class: Toward an integrated sociolinguistic model. *Language in Society* 21, I 26. Cambridge University Press, 1992.
- PAGOTTO, Emílio G. *Variação é identidade*. 2001. 454. f. Tese (Doutorado em Letras-Lingüística) IEL/Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PAULA, Alice Telles de. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngües de Taquara e de Panambi, RS: análise quantitativa.* Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade federal do Rio Grande do Sul.
- PIRES, Lisiane Buchholz. *A palatalização das oclusivas dentais em São Borja*. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- WEINRIECH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 1968[2006].